

Daniel Defoe

A vida e as aventuras de

ROBINSON

CRUSOÉ

Tradução de Silvio Antunha



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
Editora e Distribuidora Ltda.

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Produção: Ciranda Cultural
Tradução: Silvio Antunha
Projeto gráfico e revisão: Casa de Ideias

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD**

D314v Defoe, Daniel, 1660-1731

A vida e as aventuras de Robinson Crusó / Daniel Defoe;
traduzido por Silvio Antunha. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2019.
320 p.: il.; 16cm x 23cm. – (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: Robinson Crusó

Inclui índice.

ISBN: 978-85-943-1847-3

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura inglesa. I. Antunha, Silvio.
II. Título. III. Série.

2018-1803

CDD 028.5

CDU 82-93

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 82-93

1ª Edição

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação
pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou
transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia,
gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos
direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira
distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas
condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



SUMÁRIO

I	Início de vida	7
II	Escravidão e fuga	21
III	Naufrágio numa ilha deserta	34
IV	Primeiras semanas na ilha	53
V	Diário da construção de uma casa	75
VI	Doença e consciência arrependida	91
VII	Experiência agrícola	107
VIII	Conhecendo o lugar	118
IX	Um barco	129
X	Cabras mansas	147
XI	Encontro de uma pegada humana na areia	160
XII	O abrigo na caverna	174
XIII	A destruição de um navio espanhol	192
XIV	Um sonho realizado	206
XV	A educação de Sexta-feira	223
XVI	Resgate de prisioneiros dos canibais	239
XVII	A visita dos amotinados	257
XVIII	O navio recuperado	274
XIX	Retorno à Inglaterra	292
XX	A luta entre Sexta-feira e um urso	308





A vida e as estranhas e surpreendentes aventuras de Robinson Crusóé, marinheiro, de York, que viveu vinte e oito anos totalmente sozinho em uma ilha desabitada na costa da América, perto da foz do grande rio Orinoco, tendo sido lançado em terra por naufrágio, em que todos os homens morreram, menos ele.

Com um relato de como ele no final foi salvo por piratas.

ESCRITO POR ELE MESMO.



I INÍCIO DE VIDA



Nasci no ano de 1632, na cidade de York, de uma boa família, que não era dessa região. O meu pai era estrangeiro, de Bremen, e a princípio se estabeleceu em Hull. Depois de conseguir um bom patrimônio pelo comércio, ele largou os negócios e foi morar em York, onde se casou com minha mãe, cujos parentes se chamavam Robinson, uma família muito boa desse lugar. Então, fui batizado como Robinson Kreutznaer. Mas, pela corruptela habitual das palavras na Inglaterra, agora nós somos chamados – ou melhor, nós mesmos nos chamamos e assinamos o nosso nome – de Crusoe. E é assim que os meus companheiros sempre me chamaram.

Eu tive dois irmãos mais velhos, um dos quais foi tenente-coronel num regimento de infantaria inglês em Flandres, outrora comandado pelo famoso coronel Lockhart. Ele foi morto na batalha perto de Dunquerque contra os espanhóis. Quanto ao que aconteceu com o

meu segundo irmão, não sei qual foi o seu destino, assim como meu pai e minha mãe não sabem o que aconteceu comigo.

Sendo o terceiro filho da família e sem ter aprendido nenhuma profissão, muito cedo a minha cabeça começou a ser preenchida com pensamentos inconsequentes. O meu pai, que era bem idoso, me deu uma competente dose de educação, tanto ao me ensinar em casa, como por me enviar a uma das escolas públicas da região. Ele queria que eu fosse advogado e me destinou ao estudo das leis. Mas o meu único desejo era ir para o mar, e eu não haveria de ficar satisfeito com outra coisa. E essa minha inclinação me colocou tão fortemente contra a vontade, ou melhor, contra as ordens de meu pai e contra todas as súplicas e argumentos de minha mãe e de outros parentes, que parecia haver uma espécie de fatalidade nessa tendência natural, que se inclinava diretamente para a futura vida miserável que estava para acontecer comigo.

O meu pai, que era um homem sábio e prudente, me deu sérios e excelentes conselhos contra o que ele previu que seria a minha sina. Certa manhã, ele me chamou em seu quarto, onde estava confinado pela gota, e me advertiu calorosamente a respeito de tal assunto. Ele me perguntou quais razões – além da mera inclinação aventureira – eu teria para deixar a casa de meu pai e a minha terra natal, onde eu poderia ser bem encaminhado e teria perspectivas de fazer fortuna pela minha dedicação e capacidade, podendo levar uma vida tranquila e agradável. Ele me disse que, de um lado, existiam homens desafortunados – simples e modestos –, e de outro, homens mais ambiciosos, prósperos e arrojados, que saíam para o exterior em busca de aventuras, cresciam pelo arrojo e se tornavam famosos por atos de natureza fora do comum. E que essas coisas estavam muito acima ou muito abaixo de mim, porque eu era de condição mediana, ou daquilo que poderia ser chamado primeira posição acima da vida baixa, condição essa que ele considerava, por longa experiência, a melhor do mundo, a mais adequada para a felicidade humana, não exposta às misérias e dificuldades, ao cansaço e aos sofrimentos da parte laboriosa da espécie humana e que não se envergonhava com o orgulho, o luxo, a ambição e a inveja da parte superior da humanidade. Ele me disse que eu poderia julgar a felicidade dessa condição apenas por uma coisa: pelo fato de

ela ser a condição de vida que todas as outras pessoas invejavam. Disse ainda que frequentemente os reis se lamentavam das cruéis consequências de terem nascido para as grandes coisas e que preferiam que tivessem sido colocados no meio dos dois extremos, entre os pequenos e os grandes. E que também os sábios davam testemunho disso como ponto de equilíbrio da verdadeira felicidade quando suplicavam aos céus para não terem nem pobreza e nem riquezas.

Ele me mandou observar bem isso, pois eu sempre haveria de perceber que as calamidades da vida eram compartilhadas tanto pelas pessoas da parte superior como da parte inferior da humanidade. E que a posição intermediária experimenta menor número de desastres, não estando exposta a tantas vicissitudes como a parte alta ou a baixa da sociedade. Não, as pessoas dessa posição não estão sujeitas a tantas enfermidades e inquietações, sejam elas do corpo ou da mente, como aquelas que, pelo modo de vida esbanjador, luxuoso e extravagante de um lado, ou pelo trabalho forçado, a falta de itens necessários e a dieta insuficiente do outro lado, causam danos a si mesmas, como consequências naturais de seu modo de vida. A posição de vida intermediária se acomoda a todo tipo de virtudes e todos os tipos de prazeres. A paz e a abundância são companheiras da fortuna mediana. A temperança, a moderação, a quietude, a saúde, as amizades, todas as diversões agradáveis e todos os prazeres desejáveis, são bênçãos presentes na posição intermediária da vida. E que, dessa forma, os homens passam suave e calmamente pelo mundo e seguem confortavelmente para fora dele, sem se sobrecarregarem com as tarefas das mãos ou da cabeça, sem se venderem a uma vida de escravidão pelo pão cotidiano e sem se cansarem por circunstâncias perplexas, que roubam a paz da alma e o repouso do corpo, sem serem devorados pelas angústias da inveja ou pelo desejo secreto ardente da ambição de grandes coisas. Assim, no meio dessas circunstâncias agradáveis, eles deslizam suavemente pelo mundo, saboreiam sensatamente a doçura da vida sem amarguras, adquirem o sentimento da felicidade e aprendem, pela experiência de cada dia, a conhecê-la mais profundamente.

Depois disso, ele me exortou com sinceridade e, da maneira mais afetiva, a não agir como criança, a não me precipitar em misérias que a

natureza e a posição de vida em que nasci pareciam ter me preservado. Ele me afirmou que eu não teria necessidade de lutar pelo meu pão de cada dia, pois cuidaria bem de mim e se esforçaria para me encaminhar de forma justa à posição de vida que acabara de recomendar. Assim, se eu não ficasse bem à vontade e feliz no mundo, só poderia ser por erro meu que eu deveria evitar, ou por mero impedimento de algum capricho do destino. Desse modo, ele não seria mais responsável por mim, tendo cumprido sua obrigação de me alertar contra atitudes que ele sabia que me afogariam em mágoas. Em suma, ele cumpriria de bom grado suas promessas se eu ficasse em casa e resolvesse agir segundo seu desejo, e não haveria de precipitar os meus infortúnios encorajando a minha partida. E, para concluir, ele me disse que eu tinha o exemplo do meu irmão mais velho, ao qual havia dirigido os mesmos sinceros apelos para dissuadi-lo de incorrer no erro de ir para as guerras dos Países Baixos, apelos esses que não puderam prevalecer sobre os desejos do jovem, que o levaram a se alistar no exército, onde ele acabou encontrando a morte. Embora dissesse que não deixaria de orar por mim, ele, porém, se atrevia a prever, que se eu desse esse passo tolo, Deus não me abençoaria e que no futuro, quando não houvesse mais ninguém para ajudar na minha recuperação, eu teria todo o tempo do mundo para refletir sobre o fato de ter desprezado seus conselhos.

Observei, nessa última parte do discurso, que foi verdadeiramente profética, embora na minha opinião o meu pai não desejasse que isso acontecesse de modo algum, observei, repito, lágrimas escorrendo abundantemente em seu rosto, especialmente quando ele falou da perda do meu irmão. Depois, quando disse que no futuro, sem ninguém para me ajudar, eu teria todo o tempo do mundo para me arrepender, ele ficou tão emocionado que encerrou a discussão e me confessou que seu coração estava tão amargurado que ele não tinha forças para me dizer mais nada.

Eu, sinceramente, fiquei muito impressionado com essa conversa. E, de fato, poderia ter sido diferente? Resolvi que não pensaria mais em ir para o exterior e que ficaria em casa, de acordo com o desejo do meu pai. Mas, infelizmente, em poucos dias tudo se reverteu. E, enfim, para impedir que meu pai voltasse a me importunar, poucas semanas depois decidi fugir de casa. No entanto, não agi com tanta

pressa quanto o primeiro calor da minha decisão exigia. Num dia em que ela parecia estar um pouco mais alegre do que o normal, chamei a minha mãe à parte. Disse-lhe que os meus pensamentos estavam tão irresistivelmente empenhados em correr o mundo, que eu jamais conseguiria abraçar nada com firmeza antes de fazer isso e que seria melhor meu pai me dar seu consentimento do que me forçar a partir sem sua permissão. Eu já estava com dezoito anos de idade e era tarde demais para ser aprendiz no comércio ou ajudante no escritório de algum advogado. E que, se o fizesse, tinha certeza de que jamais cumpriria o meu horário e fugiria antes de honrar o compromisso com o meu patrão, para embarcar. Se ela convencesse meu pai a me deixar partir numa viagem pelos mares, eu voltaria para casa se não gostasse e nunca mais iria embora. E prometi que me esforçaria com redobrado empenho, para recuperar o tempo perdido.

Isso deixou minha mãe furiosa. Ela me respondeu que sabia que de nada adiantaria falar com meu pai sobre qualquer assunto desse tipo, pois ele conhecia muito bem o que era realmente importante para mim, para me dar seu consentimento no caso de algo que seria tão funesto para a minha vida. E que ela estranhava que eu ainda pudesse pensar coisas assim depois da conversa que tive com meu pai, apesar de toda a gentileza dele e das ternas expressões que ela tinha certeza com que meu pai havia me tratado. Em suma, se eu quisesse me arruinar, não haveria ajuda para mim e, se dependesse dela, eu jamais obteria consentimento para isso. Ela, por sua vez, não moveria uma palha para causar a minha destruição e, desse modo, ninguém jamais poderia dizer que minha mãe havia se prestado a defender algo que meu pai reprovava.

Apesar da recusa de minha mãe, de transmitir isso a meu pai, mesmo assim, como eu soube posteriormente, ela relatou toda a conversa a ele. Meu pai, depois de demonstrar grande preocupação, respondeu a ela, com um profundo suspiro: “Esse garoto poderia ser feliz se ficasse em casa. Mas, se ele vai correr o mundo, será a criatura mais desgraçada que já existiu. Jamais darei o meu consentimento para isso”.

Então, foi só quase um ano depois que eu escapei. Enquanto isso, continuei obstinadamente surdo a todas as propostas de me dedicar

aos negócios e frequentemente reclamava com meu pai e minha mãe por estarem sendo tão firmemente determinados em contrariar aquilo que eles sabiam muito bem para onde as minhas inclinações me levariam. Um dia eu estava em Hull, para onde viajava ocasionalmente, sem nenhum propósito premeditado de empreender uma fuga naquele momento. Então, como eu dizia, eu estava lá quando um dos meus companheiros, prestes a navegar para Londres no navio de seu pai, insistiu para que eu o acompanhasse, jogando aquela isca banal, irresistível para os homens do mar: eu não precisaria pagar pela minha passagem. Sendo assim, não consultei mais meus pais. Não me dei sequer ao trabalho de lhes enviar uma mensagem. Deixei que soubessem por acaso. Assim, sem pedir a benção de Deus ou do meu pai, sem qualquer consideração pelas circunstâncias ou consequências e infelizmente numa hora ruim, como só Deus sabia, no dia 1º de setembro de 1651, embarquei para Londres num navio carregado. Jamais os infortúnios de um jovem aventureiro, creio eu, começaram tão cedo ou terminaram mais tarde do que os meus. O barco nem tinha acabado de sair do estuário do rio Humber quando o vento começou a soprar e o mar a crescer assustadoramente. Como eu nunca tinha estado no mar antes, inevitavelmente fiquei com o estômago enjoado e a mente aterrorizada. Comecei então a refletir seriamente sobre o que tinha feito e como fui justamente alcançado pela justiça divina por causa da minha saída indigna da casa de meu pai e por ter abandonado as minhas obrigações. Todos os bons conselhos dos meus pais, as lágrimas do meu pai e as súplicas de minha mãe, vieram então à tona, à minha mente. E a minha consciência, que ainda não havia chegado ao grau de dureza que alcançou depois disso, me reprovou por desprezar conselhos saudáveis e por violar os meus deveres para com Deus e meu pai.

Enquanto isso, a tempestade piorou e o mar foi ficando cada vez maior e mais agitado, embora não fosse nada parecido com o que eu veria muitas vezes a partir de então e principalmente com o que vi alguns dias depois. Mas, nesse momento, foi o suficiente para abalar um marinheiro novato como eu, que não entendia nada do assunto. Eu achava que seríamos engolidos a cada onda, ou que o navio afundaria no abismo do mar toda vez que mergulhava entre dois vagalhões.

Nessa agonia mental, quando achava que jamais voltaríamos a subir, fiz muitas promessas e decidi que, se agradasse a Deus poupar a minha vida nessa viagem e se alguma vez conseguisse novamente pisar em terra seca, eu voltaria imediatamente para a casa de meu pai e jamais subiria em outro navio novamente enquanto vivesse. Seguiria os conselhos dele e nunca mais me meteria em encrencas como essa. Então eu percebi plenamente a bondade de suas observações sobre a posição mediana e também a tranquilidade e o conforto que ele desfrutava todos os dias de sua vida, sem nunca se expor a tempestades no mar ou a aborrecimentos em terra. Assim, eu decidi que gostaria, como um verdadeiro filho pródigo arrependido, de voltar para a casa de meu pai.

Esses pensamentos sóbrios e sensatos permaneceram enquanto a tempestade durou e até mesmo por algum tempo depois. Mas no dia seguinte, quando o vento diminuiu e o mar acalmou, aos poucos comecei a me acostumar com a situação. Eu, porém, fiquei prostrado durante todo esse dia, pois continuava um pouco enjoado. Mas, ao entardecer o tempo clareou, o vento cessou e uma encantadora bela noite surgiu. O sol se pôs radiante e nasceu do mesmo jeito na manhã seguinte. Com pouco ou quase nenhum vento e o mar calmo, o sol brilhou sobre ele. O espetáculo que então contemplei foi o mais extraordinário que os meus olhos jamais tinham visto.

Eu havia dormido bem à noite, já não me sentia mais enjoado e estava muito bem-disposto. Olhava admirado para o oceano, tão violento e terrível no dia anterior e tão calmo e agradável tão pouco tempo depois. Foi quando, com medo de que as minhas boas resoluções predominassem, o meu companheiro, que havia me desencaminhado, veio me procurar.

– Muito bem, Bob! – ele disse, dando-me um tapinha no ombro. – Como está depois disso? Garanto que você sentiu medo ontem à noite, quando ventou, não é mesmo? Mas tudo não passou de um pé de vento.

– Você chama aquilo de pé de vento? – retruquei. – Foi uma tempestade horrósa!

– Tempestade? Seu tonto... – ele respondeu. – É isso que você chama de tempestade? Ora, não foi nada. Basta uma boa embarcação e uma bela deriva no mar para uma rajada de vento como essa não ser nada.

Você não passa de um marinheiro de água doce! Venha, Bob. Vamos preparar uma tigela de ponche e esquecer tudo isso. Reparou como o tempo está bom agora?

Para resumir essa triste parte da minha história, seguimos o velho caminho de todos os marujos. O ponche – uma bebida muito apreciada pelos ingleses, composta de água, suco de limão, açúcar e aguardente – foi preparado e eu acabei embriagado. E, na bebedeira dessa noite, afoguei todo o meu arrependimento, todas as minhas reflexões sobre a minha conduta passada e todas as minhas resoluções para o futuro. Em suma, assim como a superfície do mar retomou sua mansidão e a calma se estabeleceu com o arrefecimento da tempestade, também o ímpeto dos meus pensamentos passou e os meus medos e as minhas apreensões de ser engolido pelo mar foram esquecidos. O turbilhão dos meus antigos desejos voltou e eu esqueci completamente os votos e as promessas feitas na hora da aflição. Na verdade, procurei fazer algumas pausas para reflexão e, algumas vezes, esforcei-me para que os pensamentos sérios voltassem. Mas eu os jogava fora e despertava deles como se fosse de um pesadelo. Ao me dedicar à bebida e aos companheiros, logo controlei o surgimento dessas recaídas, como eu as chamava. Em cinco ou seis dias, alcancei uma vitória completa sobre a minha consciência, como desejaria qualquer jovem libertino que decidiu não ser incomodado por seus remorsos. Mas eu ainda teria que passar por outra provação, já que, como geralmente acontece nesses casos, a Providência resolveu me abandonar inteiramente sem se desculpar. Para que eu não entendesse o que aconteceu como uma libertação, a próxima desventura seria tamanha que o pior, o mais insensível e calejado dos pobres-diabos dentre nós confessaria tanto o perigo como clamaria por misericórdia.

No sexto dia de nossa presença no mar, entramos na enseada de Yarmouth Roads. Com o vento contrário e o tempo calmo, tínhamos avançado pouco desde a tempestade. Nesse local, fomos obrigados a lançar âncora e ali permanecemos, enquanto o vento continuou a soprar contrário – a saber, de sudoeste – por uns sete ou oito dias. Durante esse período, muitos navios vindos de Newcastle ancoraram nesse mesmo lugar, uma espécie de refúgio comum, onde os barcos podiam esperar ventos favoráveis para ganharem o rio Tâmis.

Teríamos, porém, permanecido ali por menos tempo e deveríamos ter subido o rio a favor da maré, se o vento não soprasse tão forte e se não tivesse se tornado ainda mais violento depois de quatro ou cinco dias. No entanto, a enseada era considerada tão boa quanto um porto. Como o ancoradouro era bom e o nosso equipamento muito forte, os nossos homens estavam despreocupados, sem a menor apreensão de perigo. Eles passavam o tempo descansando e se divertindo, como é costume no mar. Mas, no oitavo dia, pela manhã, o vento aumentou. Todos nós pusemos mãos à obra, arriamos o nosso mastaréu e deixamos tudo muito bem-arrumado e em boa ordem para que o navio pudesse zarpar da maneira mais ágil possível. Por volta do meio-dia, o mar cresceu muito, nosso castelo de proa mergulhava a todo momento e várias ondas inundaram a embarcação. Por uma ou duas vezes achamos que nossa âncora não aguentaria. Assim, o nosso capitão ordenou o lançamento da âncora de salvação, de modo que ficamos com duas âncoras à frente e os cabos virados para a melhor direção.

A essa altura, uma terrível tempestade rugia de fato. Então, comecei a ver o espanto e o terror até mesmo no rosto dos próprios marinheiros. Embora vigilante, sem descanso na tarefa de preservar o navio, conforme entrava e saía de sua cabine ao lado da minha, eu pude escutar o capitão murmurar várias vezes, repetindo para si mesmo: “Senhor, tenha piedade de nós, ou estaremos todos perdidos, seremos todos aniquilados!” e coisas desse tipo. Durante essas primeiras agruras, fiquei estupefato, ainda deitado em minha cabine, no alojamento de marinheiros. Não consigo descrever o meu estado emocional. Eu mal havia me recuperado da primeira penitência, que aparentemente superei e me fortaleceu. Achei que o sabor amargo da morte tinha passado e também que essa tormenta não seria de modo algum como a primeira. Mas, quando ao meu lado, como acabei de dizer, o próprio capitão se lamentava dizendo que estávamos todos perdidos, eu fiquei terrivelmente assustado. Eu me levantei, saí da minha cabine e olhei para fora. Foi a visão mais desoladora que jamais tive até então. O mar se levantava em montanhas enormes e desabava sobre nós a cada três ou quatro minutos. Quando consegui olhar ao redor, não vi nada além da desgraça nos cercando. Duas embarcações, ancoradas perto de nós,